



PAPA FRANCISCO

**EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL**

# **QUERIDA AMAZÔNIA**

AO POVO DE DEUS

E A TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE



1. A QUERIDA AMAZÔNIA apresenta-se aos olhos do mundo com todo o seu esplendor, o seu drama e o seu mistério. Deus concedeu-nos a graça de a termos presente de modo especial no Sínodo que se realizou em Roma de 6 a 27 de outubro de 2019, concluído com o Documento *Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*.

## **O sentido desta Exortação (2-4)**

2. Escutei as intervenções ao longo do Sínodo e li, com interesse, as contribuições dos Círculos Menores. Com esta Exortação, quero expressar as ressonâncias que provocou em mim esse percurso de diálogo e discernimento. Aqui, não vou desenvolver todas as questões amplamente tratadas no Documento conclusivo; não pretendo substituí-lo nem repeti-lo. Desejo apenas oferecer um breve quadro de reflexão que encarne na realidade amazônica uma *síntese* de algumas grandes

preocupações já manifestadas por mim em documentos anteriores, que ajude e oriente para uma recepção harmoniosa, criativa e frutuosa de todo o caminho sinodal.

3. Ao mesmo tempo, quero de modo oficial apresentar o citado Documento, que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque são pessoas que nela vivem, por ela sofrem e que a amam apaixonadamente. Nesta Exortação, preferi não citar o Documento, porque convido a lê-lo integralmente.

4. Deus queira que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho, que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação e que, de alguma forma, possa inspirar todas as pessoas de boa vontade.

## **Sonhos para a Amazônia (5-7)**

5. A Amazônia é um todo plurinacional interligado, um grande bioma partilhado por nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. Todavia, dirijo esta Exortação ao mundo inteiro. Por um lado, faço isso para ajudar a despertar a estima e a solicitude por esta terra que também é “nossa”, convidando a admirá-la e reconhecê-la como um mistério sagrado; por outro

lado, porque a atenção da Igreja às problemáticas desse território obriga-nos a retomar brevemente algumas questões que não devemos esquecer e que podem servir de inspiração para outras regiões da terra enfrentarem os seus próprios desafios.

6. Tudo o que a Igreja oferece deve encarnar-se de maneira original em cada lugar do mundo, de modo que a Esposa de Cristo adquira rostos multiformes que manifestem melhor a riqueza inesgotável da graça. Deve encarnar-se a pregação, deve encarnar-se a espiritualidade, devem encarnar-se as estruturas da Igreja. Por isso, nesta breve Exortação, ousou humildemente formular quatro grandes sonhos que a Amazônia me inspira:

*7. Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja escutada e que sua dignidade seja promovida.*

*Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.*

*Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.*

*Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e de se encarnar na Amazônia, a tal ponto que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.*

## CAPÍTULO I

---

# UM SONHO SOCIAL

8. Nosso sonho é de uma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem consolidar o “bem viver”. Mas impõe-se um grito profético e um árduo empenho em prol dos mais pobres, pois, apesar do desastre ecológico que a Amazônia está enfrentando, deve-se notar que “*uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*” (LS, n. 49).<sup>1</sup> Não serve um conservacionismo “que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos” (ILSA, n. 45).<sup>2</sup>

### **Injustiça e crime (9-14)**

9. Os interesses colonizadores que, legal e ilegalmente, fizeram – e fazem – aumentar o corte de madeira

---

<sup>1</sup> FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

<sup>2</sup> SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral – Instrumentum Laboris* para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-amazônica. São Paulo: Paulinas, 2019.

e a indústria mineradora e que foram expulsando e encurralando os povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes, provocam um clamor que brada ao céu:

“São muitas as árvores  
onde morou a tortura  
e vastas as florestas  
compradas entre mil mortes.”<sup>3</sup>

“Os madeireiros têm parlamentares  
e nossa Amazônia não tem quem a defenda. [...] Mandam em exílio os papagaios e os macacos. [...] Já não será igual a colheita da castanha.”<sup>4</sup>

10. Isso impulsionou os movimentos migratórios mais recentes dos indígenas para as periferias das cidades. Ali não encontram uma real libertação dos seus dramas, mas as piores formas de escravidão, sujeição e miséria. Nessas cidades caracterizadas por uma grande desigualdade, onde hoje habita a maior parte da população da Amazônia, crescem também a xenofobia, a exploração sexual e o tráfico de pessoas. Por isso, o clamor da Amazônia não brota apenas do coração das florestas, mas também do interior das suas cidades.

---

<sup>3</sup> TAFUR, Ana Varela. Timareo. In: *Lo que no veo en visiones*. Lima: Copé Petroperú, 1992.

<sup>4</sup> MÁRQUEZ, Jorge Vega. Amazônia solitária. In: *Poesía obrera*. Bolívia: Cobija-Pando, 2009, p. 39.

11. Não é necessário repetir aqui as análises tão abrangentes e completas que foram apresentadas antes e durante o Sínodo. Mas lembremos ao menos uma das vozes que escutamos: “Estamos sendo afetados pelos madeireiros, criadores de gado e outros terceiros. Ameaçados por agentes econômicos que implementam um modelo alheio em nossos territórios. As empresas madeireiras entram no território para explorar a floresta, nós cuidamos da floresta para nossos filhos, dispomos de carne, pesca, remédios vegetais, árvores frutíferas [...]. A construção de hidroelétricas e o projeto de hidrovias têm impacto sobre o rio e sobre os territórios [...]. Somos uma região de territórios roubados”.<sup>5</sup>

12. Já o meu antecessor, Bento XVI, denunciava “a devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana das suas populações”.<sup>6</sup> Desejo acrescentar que muitos dramas tiveram a ver com uma falsa “mística amazônica”: é sabido que, desde as últimas décadas do século passado, a Amazônia tem sido apresentada como um enorme vazio que deve ser preenchido, como uma riqueza em estado bruto que deve ser aprimorada, como uma vastidão selvagem que precisa ser domada. E, tudo isso dentro de uma perspectiva

---

<sup>5</sup> REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA (REPAM). *Síntese da contribuição para o Sínodo*. Brasil, p. 120; cf. ILSA, n. 45.

<sup>6</sup> BENTO XVI. Discurso no encontro com os jovens. Brasil, São Paulo, 10 de maio de 2007. 2: *Insegnamenti* III/1 (2007), 808.

que não reconhece os direitos dos povos nativos ou simplesmente os ignora como se não existissem e como se as terras onde habitam não lhes pertencessem. Nos próprios programas educacionais de crianças e jovens, os indígenas apareciam como intrusos ou usurpadores. As suas vidas e preocupações, a sua maneira de lutar e sobreviver não interessavam, considerando-os mais como um obstáculo do qual temos de nos livrar do que como seres humanos com a mesma dignidade que qualquer outro e com direitos adquiridos.

13. Para aumentar essa confusão, contribuíram alguns *slogans*, como o de não “[...] entregar”,<sup>7</sup> como se tal sujeição fosse provocada apenas por países estrangeiros, enquanto também os próprios poderes locais, com a desculpa do progresso, fizeram parte de alianças com o objetivo de devastar, de maneira impune e indiscriminada, a floresta com as formas de vida que abriga. Os povos nativos viram muitas vezes, impotentes, a destruição do ambiente natural que lhes permitia alimentar-se, curar-se, sobreviver e conservar um estilo de vida e uma cultura que lhes dava identidade e sentido. A disparidade de poder é enorme, os fracos não têm recursos para se defender, enquanto o vencedor continua

---

<sup>7</sup> Cf. ARAÚJO, Alberto C. Dois caminhos na Amazônia: imaginário amazônico. In: *Amazônia real*, 29 de janeiro de 2014. Disponível em: <<https://amazonia-real.com.br/dois-caminhos-na-amazonia>>.



levando tudo, “os povos pobres ficam sempre pobres e os ricos tornam-se cada vez mais ricos” (PP, n. 57).<sup>8</sup>

14. Às operações econômicas, nacionais ou internacionais, que danificam a Amazônia e não respeitam o direito dos povos nativos do território e sua demarcação, à autodeterminação e ao consentimento prévio, há que rotulá-las com o nome devido: *injustiça e crime*. Quando algumas empresas sedentas de lucro fácil se apropriam dos terrenos, chegando a privatizar até a água potável, ou quando as autoridades deixam caminho livre a madeireiros, a projetos minerários ou petrolíferos e outras atividades que devastam as florestas e contaminam o ambiente, transformam-se indevidamente as relações econômicas e tornam-se um instrumento que mata. É usual lançar mão de recursos desprovidos de qualquer ética, como penalizar os protestos e até tirar a vida dos indígenas que se oponham aos projetos, provocar intencionalmente incêndios florestais, ou subornar políticos e os próprios nativos. Acompanhando tudo isso, temos graves violações dos direitos humanos e novas escravidões que atingem especialmente as mulheres, a praga do narcotráfico que procura submeter os indígenas, ou o tráfico de pessoas que se aproveita daqueles que foram expulsos de seu contexto cultural.

---

<sup>8</sup> SÃO PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos. 14. São Paulo: Paulinas, 2009.

Não podemos permitir que a globalização se transforme em um “novo tipo de colonialismo”<sup>9</sup>

## **Indignar-se e pedir perdão (15-19)**

15. É preciso indignar-se (ILSA, n. 41), como se indignou Moisés (Ex 11,8), como se indignava Jesus (Mc 3,5), como se indigna Deus perante a injustiça (Am 2,4-8; 5,7-12; Sl 106[105],40). Não é salutar habituarmos-nos ao mal; faz-nos mal permitir que nos anestesiem a consciência social, enquanto “um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região, [...] coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do hábitat dos camponeses e indígenas” (DAP, n. 473).<sup>10</sup> Os casos de injustiça e crueldade verificados na Amazônia, ainda durante o século passado, deveriam gerar uma profunda repulsa e ao mesmo tempo tornar-nos mais sensíveis para também reconhecer formas atuais de exploração humana, violência e morte. Por exemplo, a propósito do passado vergonhoso, recolhamos uma narração dos sofrimentos dos indígenas da época da borracha na Amazônia venezuelana: “Os nativos não recebiam dinheiro, mas apenas mercadorias, e caras,

---

<sup>9</sup> SÃO JOÃO PAULO II. *Discurso à Academia Pontifícia das Ciências Sociais*, 27 de abril de 2001. 4: AAS 93 (2001), 600.

<sup>10</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*: Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2008.

que nunca acabavam de pagar. [...] Pagava, mas diziam ao indígena: ‘Ainda está devendo tanto’ e o indígena tinha que voltar a trabalhar [...]. Mais de vinte aldeias *ye’kuana* foram completamente arrasadas. As mulheres *ye’kuana* foram violadas e seus seios cortados; as grávidas desventradas. Aos homens, cortavam-lhes os dedos das mãos ou os pulsos, para não poderem navegar [...], juntamente com outras cenas do sadismo mais absurdo”.<sup>11</sup>

16. Esta história de sofrimento e desprezo não se cura facilmente. E a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule,<sup>12</sup> todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente. Os bispos da Amazônia brasileira recordaram que “a história da Amazônia revela que foi sempre uma minoria que lucrava à custa da pobreza da maioria e da depredação sem escrúpulos das riquezas naturais da região, dádiva divina para os povos que aqui vivem há milênios

---

<sup>11</sup> IRIBERTEGUI, Ramón. *Amazonas: el hombre y el caucho*. Venezuela, Caracas: Editora Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho, 1987, p. 307ss. (Monografia, 4).

<sup>12</sup> Cf. TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia: das travessias lusitanas à literatura de até agora. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, jan./abr. 2005: “De fato, após o fim da primeira colonização, a Amazônia continuou seu trajeto como região assolada pela antiquíssima ganância, agora sob novas imposições retóricas [...] por parte dos agentes *civilizatórios* que nem sequer precisam corporificar-se para gerar e multiplicar as novas facetas da antiga destruição, agora por meio de uma morte lenta”.